

# 20 Anos da Intercom\*

CARLOS EDUARDO LINS DA SILVA  
(Correspondente da Folha de S. Paulo em Washington)



Como editor de jornais, sempre tive uma certa prevenção por efemérides. Porque a efeméride é a antinotícia, o não-evento. Nada mais previsível do que um aniversário. É tão certo quanto o sol nascer e se pôr todos os dias. Quem se interessa em ler um texto com o título: "Intercom comemora vinte anos em Santos"? Só os sócios da Intercom, talvez. Depois que eu virei correspondente de jornal nos EUA minha antipatia só fez aumentar porque agora eu sou obrigado a escrever sobre as efemérides: 30 anos do lançamento do filme "A primeira Noite de Um Homem", 20 anos da morte de Elvis Presley e assim por diante. Acho que a geração a que pertencço, a chamada geração do *baby-boom*, pessoas nascidas entre o fim da Segunda Guerra Mundial e 1960, a mais auto-centrada geração da história humana, gosta tanto de efemérides porque elas são uma forma de automassagem do ego coletivo. Essas comemorações nos permitem a todos reviver nossos tempos heróicos: como éramos maravilhosos, fe-

lizos, ousados, revolucionários, como participamos de movimentos sociais que pareciam estar transformando o mundo, como os nossos anos dourados brilharam.

Por isso, vim a Santos participar desta festividade com um pouco de receio. Mas, no final dos contos, como eu sou um legítimo *baby-boomer*, não posso negar que o massageamento do ego coletivo me deixa satisfeito. É muito bom, em especial para quem se afastou tanto até geograficamente do convívio acadêmico, reencontrar os amigos com quem se teve tanto em comum no passado. No entanto, seria bom se o espírito crítico que deu o norte às minhas preocupações 20 anos atrás pudesse prevalecer até neste ambiente de comemoração. Espero que estas notas preparadas para a abertura deste congresso possam ser algo mais do que uma homenagem aos fundadores da Intercom e contribuir para um debate ativo do papel que a entidade representou nestas duas décadas e o que lhe resta fazer no futuro.

A Intercom nasceu como produto da frustração de um grupo de professores com as condições de ensino e pesquisa da universidade

\* Texto da conferência de abertura do XX Ciclo de Estudos Interdisciplinares da Comunicação, proferida no dia 03 de setembro de 1997.

brasileira dos meados da década de 70. Ela também surgiu como um dos muitos canais de expressão que a sociedade civil brasileira criava naquela época para servirem como respiradouros democráticos num período em que as instituições estabelecidas, como as acadêmicas, estavam sufocadas pelo medo e pela repressão gerados no regime militar. Seu aparecimento refletiu, ainda, a emergência de um campo de estudos recente, o da Comunicação, que começava a despertar o interesse de um grupo crescente de intelectuais, devido em especial à importância que os meios de comunicação de massa passavam a ter para a cultura, a política e a vida social no país. Por último, mas não menos importante, a Intercom foi o resultado do voluntarismo de alguns jovens pesquisadores que acreditavam na necessidade de fazer coisas para se melhorarem e melhorarem o mundo.

O começo foi muito difícil. Não éramos muito mais do que dez os que nos reuníamos aos sábados à tarde na Faculdade Cásper Líbero para formular um ideário, redigir os estatutos, conceber projetos e até bolar o nome da Intercom. Entre os mais assíduos, estávamos: eu mesmo, José Marques de Melo, J. S. Faro, que escreveu a mais importante análise sobre a Intercom até agora já produzida, com um título brilhante - "A Universidade Fora de Si", e que agora assume, com todos os direitos e méritos, a presidência da entidade que ele tanto ajudou a criar), Anamaria Fadul, Gaudêncio Torquato, professor Erasmo de Freitas Nuzzi, Marisete Morel, Angela Cassiano, Manolo Morán, Raul Fon-

seca e Francisco Morel, que já não pode mais estar aqui comemorando este aniversário. Éramos ambiciosos, porque pensávamos, já naqueles primórdios, na possibilidade de fazer da Intercom uma entidade nacional (numa área restrita em que já havia pelo menos outras duas em funcionamento, a Abepec e a UCBC) e que não se restringisse aos acadêmicos da área de comunicação (a interdisciplinaridade sempre foi um conceito essencial, como o nome da sociedade já indicava claramente) numa época em que professores das escolas de comunicação eram vistos (e às vezes tratados) com desprezo pelos colegas de outros campos das ciências sociais no Brasil.

Quem pára para recordar como se vivia no Brasil naqueles tempos não pode deixar de se impressionar com o volume de mudanças que ocorreram nessas duas décadas no país. As entidades criadas ou usadas para arejarem a produção científica cumpriram sua missão. A universidade se tornou um espaço incomparavelmente mais livre para se debater idéias. Uma das vítimas do autoritarismo no ambiente acadêmico até chegou à Presidência.

Nos primeiros anos, tivemos que lutar com enormes dificuldades materiais. Falando na semana passada durante o Colóquio Mercosul/Nafta, no luxuoso Parque Balneário, me lembrei dos dias, em outubro de 1978, que o professor Sá Porto e eu passamos em busca de um hotel bem menos caro onde pudéssemos realizar o primeiro congresso da Intercom (na época ainda se chamava Ciclo de Estudos). Ficamos no Maracanã, se a memória não me fa-

lha. Os participantes do I Ciclo foram 43, dos quais apenas 5 de fora do Estado de São Paulo. Sempre que penso naquele primeiro ciclo de estudos, cujo tema central foi a questão do ensino de comunicação no Brasil, me lembro de uma infundável polêmica que travei com Jeanne-Marie, na qual ela me acusava de ser positivista. Na época, considerava aquilo quase uma ofensa. Hoje, após alguns anos de análise, se não chego a considerar elogio, pelo menos devo reconhecer que o adjetivo descreve de modo mais ou menos acurado algumas características de minha personalidade intelectual, principalmente naquela época.

O progresso obtido pela entidade nos primeiros cinco anos de vida foi extraordinário. Em setembro de 1982, a Intercom nacional já era uma realidade absoluta e o V Ciclo de Estudos avançava em direção ao mundo. Dos 165 participantes daquele encontro, 20 vieram do exterior: EUA, Alemanha, Portugal, México, Equador, Chile, Argentina e Uruguai. Antes, em 1981, a Intercom já havia trazido ao Brasil o pesquisador belga Armand Mattelart, radicado no Chile de 1962 até o golpe militar de 1973 e depois em França, sem dúvida o autor mais influente na área de comunicação na América Latina nas décadas de 70 e 80. Sua visita em 1982 teve para os acadêmicos da área de comunicação no Brasil importância comparável à de Jean Paul Sartre para os estudiosos brasileiros de literatura na década de 50. Sem a menor sombra de dúvida, a Intercom teve papel preponderante no fenômeno observado em 1990 por Steven Chaffee, da Universida-

de de Stanford, em artigo para o *Journalism Quarterly*: "Tem ocorrido uma mudança no caráter da pesquisa de comunicação na América Latina na última década (a de 80) em direção à auto-suficiência intelectual construída em torno de pesquisadores, instituições e publicações críticas".

Graças ao trabalho de diversos dos seus sócios, e aqui eu gostaria de destacar os nomes de dois, Regina Festa e Luiz Fernando Santoro, a Intercom passou a servir de ponto anual de intercâmbio de idéias de alguns dos mais importantes pesquisadores de comunicação da América Latina e dos EUA. Nomes como os de Emile McAnany, Joseph Straubhaar, Everett Rogers, Néstor García Canclini, Rafael Roncagliolo, Fernando Reyes-Matta, Javier Esteinou Madrid, sem contar, é claro, os brasileiros, passaram a ser comuns nos programas dos ciclos e depois congressos da Intercom. O Brasil passou a ter presença cada vez mais destacada em encontros mundiais de pesquisadores da comunicação.

Em 1988, a delegação da Intercom ao encontro bianual da Associação Internacional para Pesquisa em Comunicação de Massa (IAMCR), em Barcelona, teve atuação destacada e conseguiu estabelecer vínculos institucionais com entidades de vários países da Europa, em especial França. Em 1992, graças ao esforço dos dirigentes da Intercom, em especial de José Marques de Melo, a IAMCR se reuniu no Guarujá e o Brasil foi o segundo país com maior número de trabalhos aceitos para publicação, logo após os EUA e acima de Espanha,

França, Canadá e todos os outros participantes.

A produção nacional foi sendo registrada pela Intercom na forma de livros e das publicações periódicas da entidade: primeiro, o boletim (algumas folhas mimeografadas no início, depois um caderninho grampeado), os cadernos monotemáticos, até se chegar à revista, que se deve muito à persistência de Anamaria Fadul, sempre inconformada com a pobreza estética da produção editorial dos tempos pioneiros da entidade. Essa produção consolidou um pensamento brasileiro na área de comunicação que tem ajudado o país a entender melhor a si mesmo, na medida em que é capaz de decifrar o que são seus jornais, sua televisão, seu cinema, sua publicidade. Ainda na linha das publicações, não se pode deixar de registrar o extraordinário trabalho da Bibliografia Brasileira de Comunicação, que se transformou no exemplar Port-Com, o Centro de Documentação em Comunicação de Língua Portuguesa, fruto da perseverança extraordinária de José Marques de Melo, que já é um recurso indispensável a qualquer estudioso na área e será ainda mais para as futuras gerações de pesquisadores que, talvez, nem cheguem a ter noção do quanto foi difícil realizar essa obra notável nas condições em que ela foi realizada, o quanto de paciência, de obstinação se exigiu de Melo e sua equipe de bibliógrafos para que esse trabalho se concretizasse.

No entanto, apesar de tanto sucesso, passados 20 anos, muita coisa ainda permanece parecida com o que se observava em 1977. “O

ensino de comunicação encontra-se mergulhado numa crise profunda, crônica e endêmica”, dizia a apresentação do livro com os trabalhos debatidos no I Ciclo de Estudos Interdisciplinares da Comunicação. “Os sintomas estão aí, cristalinos, para qualquer um que possa e queira vê-los”, continuava o documento, que depois listaria as evidências da crise.

Muitos deles se mantêm, nesta segunda metade da década de 90, apesar do muito que foi feito no período com o objetivo de eliminá-los. O primeiro ponto, por exemplo, “a insatisfação geral de alunos, professores, associações profissionais e organizações empresariais... com a qualidade do ensino ministrado”. Embora eu tenha estado fora do Brasil nos últimos seis anos, contatos frequentes com participantes do processo de ensino de comunicação no país me levam a concluir que um diagnóstico rigoroso dele chegará a conclusões bastante similares às de 20 anos atrás. Se a qualidade do jornalismo produzido no país, por exemplo, guarda alguma relação com a do seu ensino nas escolas, talvez seja até possível afirmar que a situação piorou em relação àquele tempo.

As manifestações de tal insatisfação, o segundo sintoma detectado pelos coordenadores do primeiro livro da Intercom, mudaram com o tempo. Greves e denúncias deixaram de ser tão constantes, talvez como resultado do processo de “desideologização” verificado no meio estudantil brasileiro na década de 80 e, principalmente, depois do fim da Guerra Fria, perdida pela esquerda, a qual se valia desses

métodos. Nem por isso, a insatisfação com as escolas é menor. O confronto sobre a obrigatoriedade do diploma de jornalismo, por exemplo, - independente de motivações pessoais ou objetivos casuísticos que possam ter movido alguns de seus atores - mostrou a até que ponto o mercado de trabalho rejeita o egresso das escolas de comunicação. Quase todas as grandes empresas do país atualmente ou ignoram a lei do diploma ou montaram seus próprios cursos de especialização, criados com o objetivo de suplementar ou mesmo substituir os cursos de graduação em jornalismo.

O terceiro sintoma da crise do ensino de comunicação na década de 70 era "a dependência do Exterior, em termos de metodologia, teoria e pesquisa, constatada pela absoluta penúria da produção científica". Essa foi uma área em que progressos mais substantivos puderam ser constatados. Graças em grande parte à própria Intercom, em parte ao aumento extraordinário de programas de pós-graduação no setor, o Brasil foi capaz de produzir trabalhos originais de pesquisa nesses 20 anos, a ponto de diversos autores brasileiros da área de comunicação terem sido publicados no exterior e seus trabalhos saudados como de boa qualidade em diversos renomados congressos internacionais. Mas, é preciso ressaltar, a produção acadêmica brasileira nesse campo é muito irregular. Grande parte dela é de qualidade medíocre e, com exceções notáveis, sua disseminação é restrita.

As "constantes mudanças curriculares" verificadas em 1977 e explicadas como "válvulas de esca-

pe da tensão acumulada" perderam a importância que tinham pela possibilidade que se construiu de um debate mais aberto na universidade e agora podem ser definitivamente erradicadas. Graças à nova Lei de Diretrizes e Bases, deixada por Darcy Ribeiro como sua última e grande contribuição à educação no Brasil. O último sintoma da crise de 20 anos atrás, "a manipulação das escolas pelos burocratas do ensino (ou pior: pelos empresários do ensino)", pode ter se reduzido graças à possibilidade de maior controle da comunidade sobre o processo e deixado de se manifestar nas versões violentas e arbitrárias da época mas continua a ocorrer, até mesmo porque ninguém mais se escandaliza com o capitalismo pedagógico e o Estado já se prepara mesmo para admitir que o ensino possa gerar lucro às claras.

Muitas das deficiências que se perpetuam no ensino de comunicação decorrem de males que são típicos não apenas dele, mas de toda a estrutura educacional (e social) do país. A deterioração do ensino básico, iniciada na década de 60 com a liquidação da escola pública e ampliada para a educação particular na década de 80 com a batalha infundável entre a inflação e as mensalidades, tinha que se refletir em professores e alunos universitários pior preparados agora do que antes. Enquanto o Brasil não investir de maneira maciça em pré-escola e ensino básico, não haverá como melhorar a educação superior, que vai continuar sendo relevante apenas nas famosas "ilhas de qualidade" que tornam o nome do país conhecido e respeitado na comunida-

de acadêmica internacional mas representam pouco ou quase nada para a maioria das pessoas que vivem aqui.

Outros dos vícios são produto da incapacidade dos docentes dessa área específica do saber de resolverem suas diferenças básicas e isso chega a ser um fenômeno que transcende fronteiras nacionais. No final do século 20, persiste a rivalidade entre professores das áreas teórica e prática do ensino de jornalismo, por exemplo, que continuam a se digladiar por espaço e influência num ambiente acadêmico que jamais se poderia dar ao luxo de dissensões desse tipo, tais as necessidades essenciais que precisam ser supridas.

Apesar de todas as dificuldades que subsistem no ensino e na pesquisa da comunicação, o vigésimo aniversário da Intercom não é conquista pequena. Esta entidade não foi criada para resolver todos os problemas de sua área, a maioria dos quais tem soluções que dependem de condições econômicas e sociais que não podem ser alteradas em uma geração, mesmo se houvesse compromisso decidido e consensual da nação em buscá-los (o que, evidentemente, não é o caso no Brasil, onde - apesar de denunciá-la ter até virado lugar-comum - a insensibilidade dos que têm muito em relação aos que nada têm parece infinita). Mas a Intercom conseguiu ajudar a atenuar vários desses problemas.

Sua própria sobrevivência por duas décadas é motivo suficiente para se manter a esperança de que, embora as mudanças fundamentais ainda estejam muito distantes, as

coisas podem melhorar na área da comunicação. Eu mesmo, em diversos momentos, achei que a Intercom seria incapaz de subsistir depois que José Marques de Melo, seu inspirador e realizador, deixasse de ser a presença decisiva na vida da entidade. Acredito que todos os fundadores da Intercom dividem comigo a certeza de que, não tivessem sido a obstinação, o empenho, a coragem de cobrar e exigir dos outros a sua parte que caracterizaram a participação de Melo nos primeiros anos da entidade, ela provavelmente não teria decolado. Mas, embora Melo continue a ser um integrante muito especial da sociedade que concebeu e viabilizou, a Intercom se provou maior do que o seu criador e essa é a sua maior vitória. Com momentos de maior ou menor realização, superando percalços que muitas vezes pareceram invencíveis, a entidade chega ao seu vigésimo congresso inteira, coesa e produtiva mas com grandes desafios pela frente. É justo realçar o papel que os presidentes da Intercom tiveram nesse processo. Anamaria Fadul, Gaudêncio Torquato, Margarida Krohling Kunsch, Manuel Carlos Chaparro, Adolpho Queiroz e Maria Immacolata Vassalo de Lopes merecem receber os agradecimentos da comunidade acadêmica na área de comunicação pelo seus serviços.

Embora uma das características mais louváveis da Intercom tenha sempre sido a do pluralismo ideológico (garantido, aliás, várias vezes, a muito custo por José Marques de Melo, que continha o ímpeto sectário juvenil de muitos de seus colegas, inclusive, com frequência, eu mesmo), é evidente que a

hegemonia ideológica da produção realizada sob seus auspícios sempre foi de inspiração marxista, como em todas as áreas das ciências sociais no Brasil. O desmoronamento do Muro de Berlim, sem dúvidas, deixou perplexos também os pesquisadores da Intercom. Antes desta, minha última participação em congressos da Intercom foi em 1989. Eu me lembro que nós brincávamos muito que aquele era o congresso da glassnost da Intercom. Mas ainda há muito degelo a se realizar até que a produção acadêmica brasileira na área de comunicação encontre fios condutores para a próxima década e o próximo século com a mesma relevância que tiveram os da escola de Frankfurt, do estruturalismo, da hegemonia gramsciana, da Nova Ordem Internacional da Informação e da Comunicação e seus derivados nos últimos 20 anos. Todo o mundo da ideologia ainda está se defrontando com o vazio deixado pelo fim da dualidade capitalismo versus socialismo e é natural que o mesmo aconteça na área da comunicação. Se me é permitido dar palpites, acho que deve-se pensar muito em orientar o futuro da pesquisa em co-

municação no Brasil para algumas direções que José Marques de Melo sempre apontou como fundamentais: documentação, precisão técnica, obsessão com o rigor metodológico. Humildade e seriedade não fazem mal a ninguém em área nenhuma, inclusive e principalmente nas ciências sociais. Isso é especialmente verdadeiro no campo da comunicação, em que existe carência básica de fontes de referência, documentos, dados objetivos.

Num país em que o personalismo com frequência massacrava instituições, o egoísmo faz naufragar empreendimentos que não resultem de alguma forma em benesses materiais imediatas para seus participantes, os 20 anos da Intercom devem ser motivo de orgulho para todos os que ajudaram a construí-la. O fato de o ensino de comunicação no Brasil continuar em crise, apesar de todo o esforço despendido pela Intercom e seus associados, deve ser não motivo de desânimo, mas sim fonte de estímulo para os que agora a comandam continuarem sua atuação e, mesmo, a expandirem para, um dia, se poder constatar que a crise acabou.